

**DAS MONTANHAS DE MINAS AO ESPAÇO INTERESTELAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA *INFINITO EM PÓ*, DE LUÍS GIFFONI**

**Humberto Gomes Pereira<sup>1</sup>**

**Mestrando da Universidade Vale do Rio Verde/ Faculdades Unificadas Doctum  
Grupo de Pesquisas Minas Gerais: diálogos**

A presente comunicação tem como elemento fundamental apresentar algumas considerações acerca dos aspectos da FC presentes na obra *Infinito em Pó*, de Luís Giffoni. Em primeiro lugar é de fundamental importância destacar que a ficção científica apesar de muitos considerarem praticamente desconhecida e marginalizada, seu desenvolvimento vem crescendo gradativamente, isto pode ser justificado através dos vários estudos e debates acadêmicos em torno do tema e o envolvimento de diversos críticos em promover o gênero FC no país. Desenvolvida no século XIX, a FC lida principalmente com os fortes impactos da ciência, tanto verdadeira como imaginada, sobre a sociedade ou os indivíduos. O termo é usado, de forma mais geral, para definir qualquer fantasia literária que inclua o fator ciência como componente essencial, e num sentido ainda mais geral, para referenciar qualquer tipo de fantasia literária. Fiker (1985) destaca em *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* que o enfoque dado ao estudo “procura situar dinamicamente a ficção científica na teoria dos gêneros, acompanhando suas raízes e tentando mostrar como elas se relacionam necessariamente aos frutos produzidos”. (FIKER, 1985, p.7). O gênero FC traz em seu cerne uma projeção futurística, a apropriação de uma linguagem específica, e o resgate de elementos em que a ciência e seus vanços aparecem como aspectos essenciais, além disso pode-se destacar “que a FC tem leis próprias que não estão formuladas em nenhum manual, mas podem ser aprendidas através da vivência com as obras. O leitor de FC deve reconhecer que dentro do gênero certas liberdades são permitidas, e mais ainda: que sem elas o gênero não pode funcionar”. (TAVARES, 1992, p. 10).

Causo (2006) afirma que *a ficção científica existe no Brasil pelo menos desde a segunda metade do século XIX*, através de estudos históricos e literários realizados acerca do tema, percebe-se que o gênero Ficção Científica tem sido praticado no país desde muito tempo. Autores como Zaluar, Gastão Cruis, Menotti del Picchia, Afonso Schmidt, Monteiro Lobato, Jerônimo Monteiro, Machado de Assis assim como outros autores pensaram além de suas épocas e ousaram traçar cidades visionárias, aparatos tecnológicos desenvolvidos, pensaram na dimensão metafísica e criaram até robôs e ciborgues.

O livro *Infinito em Pó* foi escrito por Luís Giffoni<sup>2</sup> e publicado no ano de 2004 traz em sua estrutura literária elementos que apontam para o gênero FC. Percebemos no

---

<sup>1</sup> E-mail: betinhogomes@bol.com.br

<sup>2</sup> Luís Giffoni nasceu em Baependi, Minas Gerais. Mora em Belo Horizonte. Tem 21 livros publicados, dentre eles: *O Fascínio do Nada*, *O Pastor das Sombras*, *Dom Frei Manoel da Cruz*, *O Reino dos Puxões de Orelha*, *China - O Despertar do Dragão*, *Retalhos do Mundo*, *Infinito em Pó*, *O Poeta e o Quasar*, *Riscos da Eternidade*, *Os Chinelos de Raposa Polar*, *A Verdade tem Olhos Verdes*, *Adágio para o Silêncio*, *A Árvore dos Ossos*, *Tinta de Sangue*, *Os Pássaros são Eternos*, *O Ovo de Ádax* e *A Jaula Inquieta*. Recebeu várias premiações e indicações, como da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte, Bienal Nestlé, Prêmio Minas de Cultura - Prêmio Henriqueta Lisboa, Prêmio Nacional de Romance e Prêmio Nacional de Contos Cidade de Belo Horizonte, Prêmio Jabuti de Romance. Suas obras ganharam estudos, traduções e adaptações nos Estados

desenvolvimento da narrativa, situações inusitadas e a apresentação de um futuro em que a ciência e a técnica avançaram sobremaneira, nas observações de Tavares,

as imagens típicas da Ficção Científica são claras até mesmo para os não-aficionado: espaçonaves, mutantes, cidades submarinas, pistolas desintegradoras, impérios galácticos, viagens no tempo, supercomputadores. Uma lista assim pode ser prolongada indefinidamente; é através desses elementos que o leitor casual, numa livraria consegue identificar com nitidez a estante de obras de FC; mas não é fácil encontrar o que há em comum com todas elas. (TAVARES, 1992, p.8).

Ao nos debruçarmos sobre *Infinito em Pó* para procedermos a uma análise literária, encontramos em sua narrativa elementos fundamentais que aproximam esta obra das peculiaridades da FC, além disso, existe em sua estrutura textual uma acentuada preocupação com a dimensão humana. O autor retrata os séculos XXIII e XXV, apresenta um contexto problemático e desvela situações conflitantes, não superadas pelo homem num estágio altamente avançado de desenvolvimento da técnica e tecnologia.

Giffoni apresenta o livro em 14 capítulos, onde diferentes personagens se alternam contando os fatos a partir do seu ponto de vista particular em primeira ou terceira pessoa. A obra narra uma viagem a *Alpha Centauri*<sup>3</sup>, uma estrela vizinha do nosso planeta e por ser a estrela mais próxima e muito parecida com o Sol, ela é escolhida constantemente como tema de ficção científica. A história desenvolve no interior de uma espaçonave que representa um microcosmo com milhares de tripulantes, estes vivenciam problemáticas como ganância, orgulho, alcoolismo, problemas psicológicos, aspectos que marcam a organização social e a vida em grupo.

No texto, o autor contrasta a velocidade do progresso tecnológico com a permanência da estupidez e da fraqueza humanas, porém ele não decide qual dos dois aspectos é o mais espantoso, este tipo de estilo é clássico na FC em geral e especialmente na brasileira. Com relação à FC produzida no Brasil, muitos estudiosos dedicam inúmeros estudos às suas particularidades e recepção, Ginway destaca que

outra característica da ficção científica brasileira é uma sobreposição diferente com o gênero horror e fantástico. Embora esse elemento esteja presente na ficção científica anglo-americana, os autores brasileiros de ficção científica usam essa mistura de gêneros como uma forma de conquistar a crescente aceitação do leitor. (GINWAY, 2010, p. 50).

Giffoni tece uma narrativa mesclando dramas humanos com o acelerado desenvolvimento tecnológico, o aspecto visionário é a mola mestra e condutora de toda a

---

Unidos, Inglaterra, México, Argentina, Portugal, Alemanha e Brasil. (DUARTE, Constância Lima (org). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 240).

<sup>3</sup> Alpha Centauri ( $\alpha$  Centauri,  $\alpha$  Cen), também conhecida como Rigel Centaurus, Rigil Kentaurus, Rigil Kent, ou Toliman, é a estrela mais brilhante da constelação de Centauro, sendo a terceira mais brilhante do céu, vista a olho nu. Esta estrela é, na verdade, um sistema triplo, no qual Alpha Centauri A e Alpha Centauri B giram em torno de um centro comum, gastando quase 80 anos para completar uma órbita, já Alpha Centauri C, também chamada de Proxima Centauri, demora mais de 1 000 000 de anos para completar uma órbita em torno das componentes principais e é a estrela mais próxima do Sol, a 4,2 anos-luz, enquanto o sistema Alpha Centauri AB estão um pouco mais distantes a 4,4 anos-luz.

trama que envolve a viagem interestelar. Questiona-se a partir dessas informações: o ser humano se perdeu no mundo avançado da tecnologia? Essa viagem ao infinito é uma metáfora ao infinito interior? A nave *Unity* é construída e equipada a partir de pressupostos tecnológicos avançados, ela é capaz de preservar a espécie humana por várias gerações. Giffoni apresenta um cenário onde coexistem os pioneiros, que partiram da terra, e aqueles que já nasceram no espaço, uma geração que só conhece nosso planeta virtualmente. O desenvolvimento da seqüência se dá através de reflexões existenciais dos tripulantes e dos pontos de vista de quatro personagens: Shiva Ramanujan, o comandante da missão, e seu filho Nima Prajma; Daedalus O'Curry, o piloto alcoólatra; Mira Ceti, a cientista ninfomaníaca; e Aurélia, esposa do comandante. Não podemos esquecer que Giffoni acrescenta no romance um quinto personagem presente em quase todas as reflexões, o mesmo, enriquece ainda mais a história, tendo em vista que sua presença constitui peça chave para sua conclusão da história.

O texto é construído por vários narradores em primeiras e terceira pessoa. O narrador em terceira pessoa identifica-se com o narrador/historiador Nimaddehore II que assina uma pseudo-página de agradecimento e o posfácio da obra, recorrendo à verossimilhança apresenta dados e datas que nos remete a uma história real. O fragmento abaixo, extraído de *Infinito em Pó* confirma a utilização da verossimilhança.

Este Infinito em pó seria unimaginável sem o apoio do Conselho de Alpha Centauri que, relutante, a princípio, mais tarde francamente incentivador, liberou minha licença sabática e os recursos para as pesquisas. Acima de tudo, permitiu meu acesso aos arquivos confidenciais da Astronave Unity B, os quais, conforme antigos receios, maculavam nossas origens. A História de qualquer povo ou planeta sobrepõe-se a receios ou máculas, assim como independente da pompa e da circunstância que lhe queiramos emprestar: a História simplesmente acontece. Nós a escrevemos todos os dias. (GIFFONI, 2004, p. 7)

O narrador/historiador aparece nos capítulos referentes ao comandante da expedição Shiva Ramanujan, no capítulo 8 que se refere ao “Despertar de Aurélia” e no último capítulo, intitulado “A grande transição”. Os demais capítulos são depoimentos, diários narrados em primeira pessoa pelas personagens Nima Prajma (filho de Shiva Ramanujan), Mira Ceti e Daedalus. Tais narrativas constitui-se, entretanto, dos discursos fragmentários de vários e diferentes sujeitos, separados dos demais por suas próprias obsessões, seus próprios universos enclausurados, limitados pela imensidão do espaço sideral e por dramas existenciais explicitados no texto. Vejamos como isso se dá no texto:

Perde-se o tempo psicológico, vítima de desarranjos nos mediadores químicos da mente. Como o calendário pouco significa, não comemoro mais meu aniversário, data que, aliás me despertava pouco interesse, embora me servisse de âncora, agora sei. Era meu ser-no-mundo, como escreveu um filósofo. Frente à ansiedade pelo futuro, à possibilidade de que a vida acabe hoje ou amanhã, destruída por um enxame de raios cósmicos, à beira da catástrofe gozo os próximos segundos como se fossem derradeiros. (GIFFONI, 2004, p. 77)

Refletindo as palavras acima, chamo atenção para o significado da existência, pois nesta missão interestelar rumo à Alpha Centauri as certezas se esfacelam. O texto nos conduz a uma grandiosa reflexão em torno do ser humano lançado no mundo, vítima da própria existência. Apesar das mais variadas técnicas utilizadas pela ciência, o homem diante do vasto universo percebe a pequenez que é a existência de todas as coisas na vastidão do infinito. Nas palavras de Morente:

A angústia é o caráter típico e próprio da vida. A vida é angustiosa. E por que é angustiosa a vida? A angustia da vida tem facetas. De um lado, é necessidade viver, é afã de viver, é anseio de ser, de continuar sendo, para que o futuro seja o presente. Mas, de outro lado, esse anseio de ser leva dentro o temor de não ser, o temor de deixar de ser, o temor do nada. Por isso, a vida é, de um lado, anseio de ser e, de outro lado, temos do nada. Essa é a angústia. Pois o nada amedronta o homem. (GARCIA MORENTE, 1970, p. 311).

A experiência interplanetária nesta perspectiva é angustiante, a vida é analisada a partir de pressupostos que valorizam a experiência anterior na Terra, detalhes como cores, rituais e questões alimentares são enfatizados na obra.

Roberto Causo destaca que a obra é “considerada pelos críticos uma ficção científica *hard*”. Entende-se por FC *hard* um subgênero da ficção científica caracterizado por seu interesse no detalhe ou na precisão científica. “Como sabemos a FC nasce no contexto da Revolução Industrial e vem consolidar o imaginário cientificista da época na qual , robôs e viagens espaciais convivem com os seres humanos”. (AMARAL, 2006, p.54). Há de se destacar neste momento que muitas histórias de FC 'hard' fixam-se no desenvolvimento tecnológico e biológico, outras deixam a tecnologia em segundo plano. ASSIMOV (1984) *apud* AMARAL (2006) destaca que a “Revolução industrial acelerou as mudanças na sociedade de forma nunca antes vista, gerando curiosidade em relação a essas mudanças através de uma extrapolação do presente”. Alguns autores buscam enfatizar em suas obras a precisão técnica numa sociedade desenvolvida quase utópica, demonstrando assim que a humanidade logrou vencer a maioria dos males humanos; por outro lado buscam representar o impacto da tecnologia na raça humana, com os defeitos humanos ainda firmes em seus lugares e por vezes, até ampliados. Daedalus, um dos personagens da obra estabelece um comentário que ilustra nossa compreensão dos elementos acima destacados:

Quando a maledicência não basta, recebemos um socorro adicional, o do desespero. Sem prévio aviso, um colega tranquilo surta, vira um demônio, tenta destruir o que encontra pela frente. É o caos subjacente à ordem que irrompe em toda a pujança. Ou haveria no Universo um estado mais básico, anterior aos caos e a ordem, mínimo denominador comum de tudo? Refletindo melhor, numa gaiola com tantos loucos disponíveis, preciso mesmo incentivar a confusão para escapar angústia da rotina? (GIFFONI, 2004, p. 74).

A obra descreve um deslocamento em que os tripulantes da nave *Unity* preservam-se por longos anos, isto se justifica pelo fato de vivenciarem uma temporalidade diferente no espaço interestelar, característica marcante da ficção científica (o tempo no espaço é diferente do tempo aqui na terra). Além disso, A nave reproduz uma divisão social que é

própria dos sistemas hierárquicos, os papéis sociais são diferenciados, assim, temos um grupo que faz parte da elite científica e social da nave *Unity*, destaca-se Shiva Ramanujan, o comandante, sua esposa Aurélia e seu filho Nima; Daedalus O'Curry, o piloto bebedor; a cientista ninfomaniaca Mira Ceti.

No capítulo 4, intitulado “A ronda do comandante” temos a explicitação da importância do elemento sexual, um dos personagens destaca que “sexo é o combustível desta nave. Não é a toa que vocês do Conselho de Bordo o incentivam tanto. Sem ele a maioria da tripulação já teria pulado no vácuo. Sexo é o nosso elixir contra o tédio, nossa vacina contra a solidão, nossa batata frita com ketchup para a eterna falta de perspectiva”. (GIFFONI, 2004, p. 93). Percebe-se na narrativa que entre a tripulação, há uma série de homúnculos auxiliares geneticamente criados, sua função é ser uma espécie de entretenimento sexual para os humanos. Vejamos:

Shiva examinou a mulher. Descendia do modelo Isaac-mR, testado e aprovado durante trinta anos na Terra Unida, acrescida de mudanças após a decolagem. Olhos azuis de praia rasa. Pêlos tão ralos e louros que os do púbis se confundiam com a pele. Cheiro de citronela. Um metro e sessenta de altura, máxima permitida pelo projeto genético. Seios e nádegas redondos e fartos, grossas coxas e pernas encurvadas nos joelhos, braços mais compridos que os humanos. (...) (GIFFONI, 2004, p. 95).

A obra destaca ainda elementos que indicam um alto grau de ansiedade dos tripulantes, talvez este elemento constante na narrativa justifique a “bebedeira” de Daedalus O'Curry e as atitudes ninfomaniacas de Mira Ceti. Desta forma, podemos afirmar “que na *Unity*, a expectativa dominava os dias. Aguardava-se decisões que não vinham, discutia-se quais seriam, apostava-se na queda do comando.” (GIFFONI, 2004, p. 190). Este aspecto nos leva a um grande problema que permeia a expedição, a intriga e a revolta política, presentes de forma explícita no capítulo 14 “A grande transição”, que anuncia o desfecho da obra.

O texto de Giffoni contém elementos importantes para a reafirmação do gênero FC e através de efeitos estéticos aproxima a ciência e a tecnologia numa expedição fantástica. De acordo com Causo ele “afasta da tendência à ênfase do heróico e épico no avanço do homem pelo espaço, tão característico da FC norte-americana”, as imagens que fundamentam o imaginário tecnológico acompanham as transformações dessa sociedade que vive no século 23 e 25 sob novos paradigmas, além disso, é pintado um quadro irônico em que emergem as dificuldades humanas de comunicação e entendimento.

A composição do texto tem a fabulação baseada em fatos e personagens com registro na história, são evidenciados nomes que fazem referência aos principais cientistas. Giffoni retoca com traços que lhe fornece sua imaginação criadora, livre do compromisso de manter-se fiel à realidade referente, pois se trata uma ficção. No desenvolver do texto percebemos que sua pretensão autêntica é fixar caracteres e sentimentos verossímeis num ambiente histórico que aproxime do verdadeiro e que seja aceito pelo leitor. *Infinito em Pó* se assemelha às narrativas de viagens que duraram dos séculos XV até ao XVII e foram responsáveis por importantes avanços da tecnologia e ciência náutica, cartografia e astronomia. O livro é aberto com um agradecimento registrado e datado em 12 de Outubro de 2492, mil anos do descobrimento do novo mundo, ou seja, primeiro milênio da viagem de Cristovão Colombo. A saída da expedição é registrada na obra no dia 04 de Julho de 2192, esta data nos remete ao dia da Independência dos Estados Unidos da América. Temos uma sequência de anos

interessante: 1492, 2192 e 2492. Questionamos a partir dessas informações o significado dessa viagem pelo infinito, sua relação com as expedições de descobrimento dos séculos XIV e XV, além disso poderíamos discutir que a obra de Giffoni também é uma narrativa de viagem, em busca de novas descobertas. Seria a Unity comparada às embarcações do sec XV, o espaço às Américas e os tripulantes aos descobridores ávidos por novas conquistas?

### **Referências bibliográficas**

AMARAL, Tatiana. *Visões Perigosas: uma arque-genealogia do ciberpunk*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir Livraria, 2005. Tradução de Roberto de Sousa Causo.

CAUSO, Roberto de Souza. A ficção científica em perspectiva. *Histórias da ficção científica*. São Paulo: Ática, 2005.

DUARTE, Constância Lima (org). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIKER, Raul. *Ficção Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época*. Porto Alegre: L&PM Editores, Coleção Universidade Livre, 1985.

GIFFONI, Luís. *Infinito em Pó*. São Paulo: Pulsar, 2004.

GINWAY, Maria Elizabeth. *Visão alienígena: ensaios sobre ficção científica brasileira*. São Paulo: Devir, 2010.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção Científica*. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos).